

José Mojica Marins e a história do cinema underground paulista: a série *Zé do Caixão* na TV paga

por Ligia Prezia Lemos *



As lembranças mais antigas vêm de uma infância nos anos 60 com TVs em preto e branco onde havia programas em que bastava ele aparecer para causar espanto a apresentadores, plateia e para toda a gente nas salas das casas. Aquelas unhas enormes, a cartola e a capa preta eram receitas infalíveis para atizar medos infantis. E os pais mandavam as crianças saírem da sala. Não só pelo terror, como também por outras representações ligadas à sua figura: o poço sem fundo do cinema underground, da pornochanchada, do sexo explícito.

Com cortes e censura.

Era o Zé do Caixão na televisão, olhando para a câmera, esticando dedos disformes e, com seu timbre de voz peculiar, amaldiçoando a audiência.

Quase um alter ego do cineasta José Mojica Marins, nos anos seguintes foi sumindo da grande mídia com notícias ficando esparsas e indicando certa decadência. Até que nos anos 1990 os filmes de "*Coffin Joe*" foram distribuídos nos Estados Unidos e na Europa e ele teve um reconhecimento importante.

Corta. Estamos agora em 2015.

É possível ler sua biografia em um livro de mais de 600 páginas, 666 para ficar no clima de terror. Originalmente publicado em 1998, *Zé do Caixão - Maldito, a biografia*, de André Barcinski e Ivan Finotti, foi revisto e ampliado e representa um importante registro do cinema brasileiro e suas histórias.

Em São Paulo, podemos ver a mostra *À meia-noite levarei sua alma* no MIS – Museu da Imagem e do Som, que conta a trajetória de 65 anos de carreira de José Mojica Marins, desde a Boca do Lixo. Ali estão expostos cartazes, copiões de filmes, figurinos, itens de cenografia e fotos.

Também está à venda a *Coleção Zé do Caixão*, um box especial de DVDs, em formato de caixão. Traz nove produções dirigidas por Marins, uma mistura entre filmes mais conhecidos e raros, sendo que alguns dos títulos são inéditos em DVD e outros foram remasterizados.

Tem ainda o curta-metragem *Coffin Joe Born Again* (José Mojica Marins, Marcelo Colaicovo, Nilson Primitivo, 2015), que deu origem a um projeto maior, um longa-metragem de mesmo título, ainda em processo de *crowdfunding*.

No ano de 2015 teve até uma cachaça especial batizada com o nome de *Zé do Caixão*.

E antes de acabar o ano, o canal por assinatura Space lançou numa sexta-feira 13, a série *Zé do Caixão* inspirada em sua biografia.

Um verdadeiro espalhamento ficcional em que há textos dentro de textos, contextos que incluem textos anteriores e que nos suscita a pergunta: que ponto arquetípico atinge uma obra para gerar tantas releituras?

Um ícone brasileiro

José Mojica Marins, um dos mais criativos e interessantes cineastas do Brasil, é filho de espanhóis, de família humilde. Nascido em 13 de março de 1936, na

infância morava no andar superior do Cine Santo Estevão, do qual seu pai era gerente. Teve, portanto, contato direto e vívido com muitos filmes desde pequeno. Ganhou uma câmera na pré-adolescência e já começou seus experimentos cinematográficos. No começo da carreira seus filmes buscavam se adequar aos padrões estéticos da época e, sem muita inovação, fez alguns dramas, faroestes e aventuras. Logo criou uma escola para atores de cinema nos moldes do Actors Studio. Ali, arrecadava verba com os alunos para realizar suas produções, além de empregá-los em suas empreitadas.

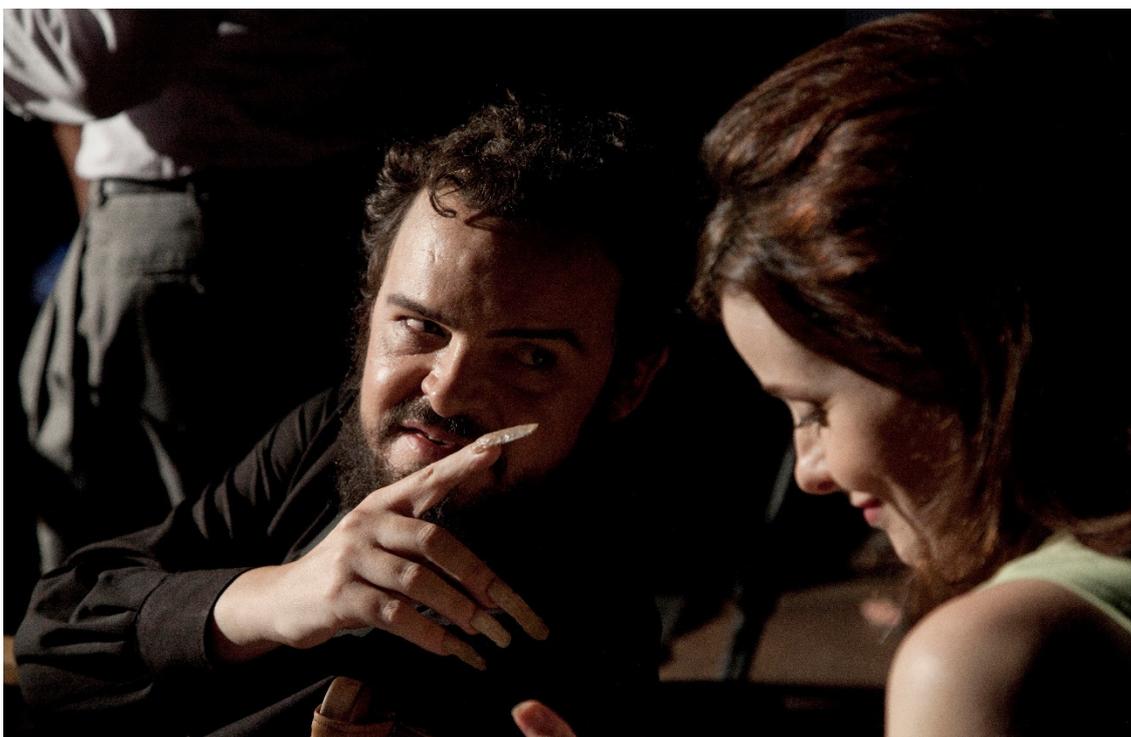
Certa ocasião teve o pesadelo que lhe trouxe inspiração para um filme de terror: um homem de roupas pretas o agarrava e o arrastava para um cemitério. Jogado dentro de uma cova, podia ler a lápide com seu nome completo. Mais do que susto, o pesadelo lhe presenteou com sua melhor criação. Nascia o Zé do Caixão.

Pioneiro do cinema de terror no Brasil, Mojica sempre foi arrojado, teimoso, criativo e obsessivo. Por ser intuitivo e autodidata, criava suas próprias técnicas. Muitas vezes seus filmes não lhe renderam sequer um centavo. Muitas vezes seus filmes foram considerados ruins, mal feitos. Muitas vezes seus filmes sofreram cortes e censura. Trabalhando com inúmeras dificuldades financeiras, enfrentou baixos orçamentos com grande inventividade. Dirigiu dezenas de filmes. Atuou em outros tantos. Seu personagem Zé do Caixão esteve presente também – e muitas vezes – em programas de TV, músicas, vídeo clipes, histórias em quadrinhos. Foi premiado no Brasil e no exterior. E angariou fãs pelo mundo todo. Muitos fãs.

A série Zé do Caixão

O conceito de “mediações” de Martín-Barbero (2006) pensa a comunicação a partir de seus nexos. Dessa forma, é possível refletir sobre mediação como o lugar circulante em que transitam produção e recepção. O espaço das

mediações é o espaço em que a cultura verdadeiramente se mostra e se realiza, o que justifica plenamente a observação do desenvolvimento de experimentações relacionadas à ficção televisiva brasileira na TV paga. Por essa razão, é impossível falar de produção brasileira em um canal internacional de TV paga sem mencionar a importância da Lei 12.485 que garantiu, entre outras medidas, as cotas de programação (Lemos, 2015). Segundo dados do Obitel¹, no Brasil, saltamos de apenas duas produções de ficção televisiva nacional na TV paga em 2005 para 33 em 2014, isso sem contabilizar humorísticos e esquetes.



Primeira série brasileira do canal Space, *Zé do Caixão* é uma produção da Contente Produções, baseada no livro *Maldito: A Vida e o Cinema de José*

¹ O Obitel, Observatório Ibero Americano de Ficção Televisiva, desenvolve um projeto intercontinental que realiza a observação das políticas de produção e criação midiática, cultural, artística e comercial da ficção televisiva de 12 países e, como resultado dessa análise, publica o Anuário Obitel, disponível em obitel.net

Mojica Marins, o Zé do Caixão, de André Barcinski e Ivan Finotti. Com roteiro de Barcinski e Ricardo Grynszpan foi dirigida por Vitor Mafra e teve seis episódios de 45 minutos.

Mesclando a vida pessoal com a carreira de Mojica – sua relação com produtores, equipes, elenco, alunos, além de suas dificuldades financeiras, escolhas estéticas e soluções criativas – a série oferece um panorama da época e da própria trajetória desse criador/criatura que viria a se transformar em cult, uma referência na memória do brasileiro. Greco enfatiza que quando o público decide evocar uma ficção exibida há anos e esse culto torna-se intenso e reconhecido, a ficção pode vir a se tornar um cult. (2014: 6).

Esse aspecto é reforçado na própria arquitetura do roteiro da série que relacionou cada episódio a um filme realizado por Mojica. Temos, então, pela ordem, *A Sina do Aventureiro* (1958), *À Meia-Noite Levarei Sua Alma* (1964), *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* (1967), *O Despertar da Besta* (1969), *Perversão* (1979) e *24 Horas de Sexo Explícito* (1985).

Esse recurso, além do leve efeito didático, permitiu à direção e à direção de arte realizar um jogo cênico em que foi possível relacionar cada episódio da série à linguagem estética do filme escolhido e à época em que foi lançado. O signo estético, devido às suas funções de aproximar, libertar, renovar e emocionar, possui a capacidade de transformar-se em elemento da identidade coletiva. É a ressignificação da linguagem que aproxima o artista do espectador. Para Bakhtin (1988), os signos realizam duas operações simultâneas: refletem e refratam o mundo. O reflexo é a imagem idêntica do outro no objeto. E a refração é a mudança que o outro sofre ao atravessar o objeto. Na série *Zé do Caixão*, o episódio muitas vezes reflete o filme. Em outras vezes, o que é muito mais estimulante, atravessa o filme e sai do outro lado, modificado.

Assim ocorre com a pintura dos cavalos brancos do filme de faroeste; com a gênese do personagem Zé do Caixão a partir da cartola do mágico e da capa usada em um descarrego. Também ocorre quando Mojica diz que o filme tem que “ter bunda de muié” e a série também tem. Quando seus sonhos e pesadelos são refeitos em efeitos especiais, como por exemplo o cenário da procissão que refrata seu pesadelo. E vale recordar que tanto os sonhos quanto a maioria dos filmes referenciados são em preto e branco. Reflexo.

Reflexo e refração, de filme e de série, e de filme para a série. Temos, assim, um jogo interessantíssimo em que o filme se camufla no episódio que o refrata. Ou seja, o episódio atravessa o filme, se transforma, e nos apresenta o filme novamente. Tudo dentro da estética e da década/época retratada. Para Bakhtin (1988), o signo reflete no sentido em que mesmo que lhe seja somado um valor novo a cada enunciação, mantém-se um significado universal. Essa é a principal qualidade da série.



Há momentos em que *Zé do Caixão* apresenta seu protagonista como uma entidade, o que ele realmente era na cultura popular brasileira. Vemos isso, por exemplo, no terceiro episódio, na cena em que ele e seu elenco sobem a escadaria do cinema em dia de estreia: um imperador e seu séquito.

A cultura underground permeia a série e soluções fáceis e rápidas se apresentam na narrativa como, por exemplo, no filme em que Mojica colocou o policial da cidade para atuar, ou deu um papel importante para o delegado da repressão. Ainda há os casos de quando recebeu dinheiro de um ator que queria ser famoso, ou que ao filmar uma atriz defecando argumentou: “a merda é a verdade”.

Um dos maiores impactos que a série do canal Space provoca diz respeito à interpretação do protagonista Matheus Nachtergaele. Quem conheceu e acompanhou a carreira de José Mojica Marins – e de *Zé do Caixão* – fica com a impressão de estar testemunhando uma estranha encarnação. Fundem-se, nele, excelentes trabalhos de caracterização, maquiagem e figurino para trazer à luz a expertise de um ator em sua melhor forma: aquela em que se esquece que ele existe e é o personagem quem domina. Mesmo a audiência que porventura desconheça o retratado logo é capturada por esse talento. Além disso, o resultado do trabalho de voz que Nachtergaele apresenta é primoroso. De maneira detalhista e crítica, o ator é capaz de emular maneirismos e falhas gramaticais, especialmente as avulsões dos plurais com naturalidade, fazendo o espectador perdoá-las da mesma forma que sempre agiu em relação ao José Mojica real. Mais um marco dentre muitos de sua carreira. Também estão no elenco e com boas atuações: Felipe Solari como Mário Lima, produtor e melhor amigo de Mojica; Antonio Saboia como Giorgio Attili,, seu diretor de fotografia preferido; Maria Helena Chira no papel de Dirce Moraes; Anamaria Barreto como Dona Carmen e Walter Breda como Antônio, seus pais.

Incompreendido, ignorado ou ridicularizado, José Mojica Marins tornou-se um ícone do cinema de terror, mais respeitado no mundo do que propriamente no Brasil. Apesar das rejeições que sofreu – e ainda sofre, basta ler comentários em sites que falam sobre a série – tornou-se objeto de estudo e muitos de seus filmes são considerados cults, aqueles que “acabaram por conquistar seu lugar na história do cinema e são, muitas vezes, atemporais; isto é, conseguem emitir sua mensagem narrativa ou estética em qualquer época” (Greco, 2014: 4-5). A série apresenta uma justa e competente homenagem a esse realizador que apesar de não saber escrever roteiros, esboçava suas histórias em apenas uma página, dizia aos atores o que eles deveriam fazer, improvisava falas e, apontando sua própria cabeça dizia: “o diálogo está aqui!”.

Fotos de divulgação - Ana Ottoni

Referências:

- Bakhtin, Mikhail (Volochinov). (1988) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- Greco, Clarice. (2014) *A TV cult e o culto à telenovela no Brasil*. Anais. Estudios de Recepción do XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC).
- Lemos, Ligia Prezia. (2015). *TV paga e ficção televisiva brasileira: dados de 2007 a 2013*. Anais. XIV Congresso Internacional IBERCOM. Universidade de São Paulo.
- Martín-Barbero, Jesus. (2006) *Dos meios às mediações*. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ.

* Ligia Prezia Lemos é redatora, roteirista e arte-educadora. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA, USP, bolsista CNPq. Atualmente estuda transmídia e autoria de ficção televisiva brasileira. É pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela, CETVN/USP e do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva, Obitel. Mestre em Ciências da Comunicação e Especialista em Gestão da Comunicação - Políticas, Educação e Cultura também pela ECA, USP. E-mail: ligia.lemos@usp.br.